

M120

# HISTÓRIA

ISSN 0870-4538



**EIS O HOMEM**  
**Arte e Medicina**

*Carl Otto Braun*

## **OS DIAMANTES DO VENTUROSO**

Símbolos de poder de reis e magnatas

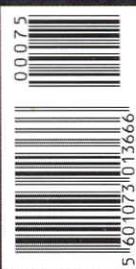
## **ZÉ ANALFABETO**

O cinema na alfabetização de adultos

## **18 DE ABRIL DE 1925**

Ensaio falhado do 28 de Maio

# **CAMILO** **Profissional** **de Letras**



# Sumário

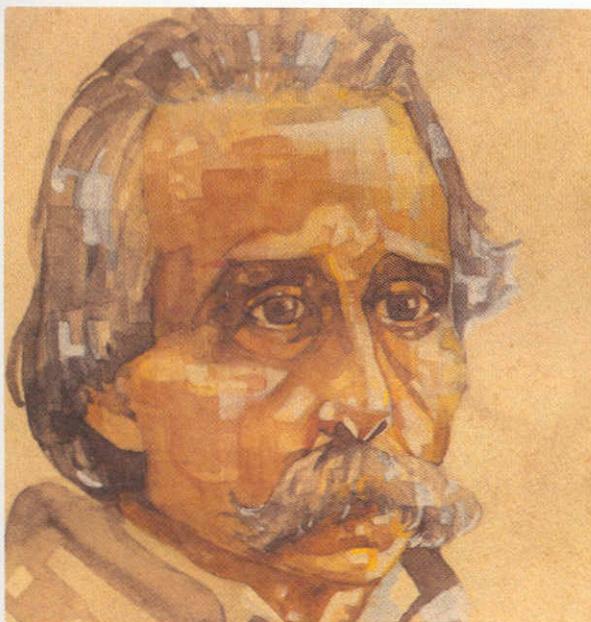
## Capa

### CAMILO CASTELO BRANCO

Ricardo Revez

#### 20 Romântico Integral, Profissional de Letras

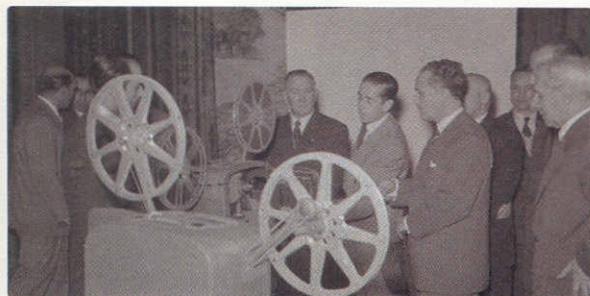
Escreveu como viveu: atribuladamente. Até que a morte trágica o levasse e dela se erguesse o mito romântico que atravessou gerações até aos nossos dias. Passam 180 anos do seu nascimento.



#### 26 Zé Analfabeto

As "mudanças invisíveis" dos anos 50 do século passado impuseram ao regime salazarista novas exigências culturais. A campanha de alfabetização pelo cinema é um indício dos tempos novos.

Cristina Barcoso



#### 32 O 18 de Abril de 1925

A revolta de 18 de Abril de 1925 foi o ensaio geral do 28 de Maio de 1926. Civis e militares conservadores afinaram aí o programa de subversão da República.

Fernando Almeida

#### 38 Federalismos Portugueses

A Constituição de 1911 consagrou um modelo republicano unitário e parlamentar. Paradoxalmente, foi a oposição que, durante a vigência do regime, ergueu a bandeira do federalismo - um tema caro ao republicanismo histórico.

Ernesto Castro Leal



#### 44 Os Diamantes do Venturoso

São bens raros que os reis possuíam como símbolos de poder. Em épocas de falência do Estado trocaram-nos por armas e dinheiro para pagar aos exércitos. Na era industrial, os diamantes acabaram nas mãos dos novos "reis" da finança.

José Casquilho





Terceiro casamento de D. Manuel, por Gaspar Fernandes

## Os diamantes do Venturoso

*Símbolos de poder absoluto do monarca, forma de nobilitação dos milionários da era industrial, bens raros recuperados para o usufruto colectivo. O Espelho-de-Portugal e o Sancy possuem em si o poder que governa o mundo.*

José Casquilho\*

**D.** Manuel I, o *Venturoso*, foi o soberano mais rico da Europa do seu tempo. Portugal era a maior potência emergente daquela época. A representação do poder real passava pela utilização de atributos simbólicos pelos monarcas, sobretudo as jóias, onde sobressaíam as pedras preciosas, entre as quais os maiores diamantes<sup>1</sup>. Sabe-se que foram pertença de D. Manuel I dois diamantes catalogados no rol dos diamantes famosos do mundo, provenientes da Índia, hoje chamados o Sancy<sup>2</sup> e o Espelho-de-Portugal.

O Sancy é um diamante em forma de amêndoa (ou pêra oval), que pesa cerca de 55 carats<sup>3</sup> (ou quilates). Sabe-se que foi adquirido por D. Manuel, e terá provindo de Carlos, o *Temerário*, duque de Borgonha, que morreu em 1477 na batalha de Nancy. O Espelho-de-Portugal, um diamante rectangular, poderá ter tido a mesma origem, já que no retrato do duque, pertença do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, vê-se para além do Sancy no peitoral direito, uma pedra rectangular na fivela de ombro.

O Espelho-de-Portugal será presumivelmente o diamante que Joana de Habsburgo, mãe de D. Sebastião, transporta no cabelo, no seu retrato da autoria de Cristóvão Morais (1552).

Por outro lado, foi possível localizar o Sancy na jóia com a Cruz de Cristo que o rei D. Sebastião transporta ao peito. Com efeito, existe na Torre do Tombo uma carta de Sebastiani Pardin dirigida a D. António, rei exilado, datada de 1588<sup>4</sup>, onde se dá conta dos termos finais da transacção de um diamante com as armas do rei de Portugal. Por debaixo da cruz vê-se que está um diamante com forma de amêndoa.

### De Portugal para os ingleses

Certo é que os dois diamantes permanecem em Portugal até ao final da dinastia de Aviz, ficando nas mãos de

D. António, aclamado rei em Santarém e que abandona o Paço da Ribeira a seguir à derrota da batalha de Alcântara, em 1580, frente às tropas de Filipe II de Espanha. Uma parte inicial do exílio de D. António é passada em Inglaterra. Sabe-se que o diamante de Portugal – um cabochão rectangular de mais de 30 quilates – foi apropriado por Isabel I ao prior do Crato, em 1582; D. António tinha-o cedido como garantia junto da rainha de Inglaterra, que proporcionou uma armada. Isabel I usou este pretexto para se apoderar do diamante que assim ficou nas mãos da coroa de Inglaterra. O diamante de Portugal veio a dar origem ao Espelho-de-Portugal – sabe-se que essa era a designação de uma jóia onde o grande diamante rectangular era rodeado por quatro pedras mais pequenas. Mais tarde passou a chamar-se ao diamante de Portugal o nome da jóia: Espelho-de-Portugal, e assim ficou conhecido para sempre.

Quanto ao Sancy – o diamante com as armas do rei de Portugal – sabe-se que na parte final do exílio de D. António em França<sup>5</sup>, este entregou o diamante a Nicholas de Sancy, embaixador da França na Turquia, no reinado de Henrique III, o último rei da dinastia dos Valois. Henrique III usava o diamante num adereço do chapéu. Com a sua morte, em 1589, sucede-lhe Henrique IV, que reinava em Navarra, e que se torna o primeiro rei de França da dinastia de Bourbon. Nesse tempo, a França esteve envolvida em guerras prolongadas entre católicos e protestantes e o diamante foi sucessivamente empenhado para angariar fundos para pagar tropas. Em 1604 o senhor de Sancy, entretanto feito superintendente de finanças do reino, vende o diamante a Jaime I de Inglaterra. O rei usava-o também num ornamento de chapéu. No inventário das Jóias da Coroa de Inglaterra de 1605 refere-se "one dymonde bought of Sauncey"<sup>6</sup>. É nesta altura que o diamante ganha o nome que ainda hoje o designa.

O Sancy fica integrado, com o talhe que hoje se conhece em rosa dupla, como pendente numa jóia chamada o

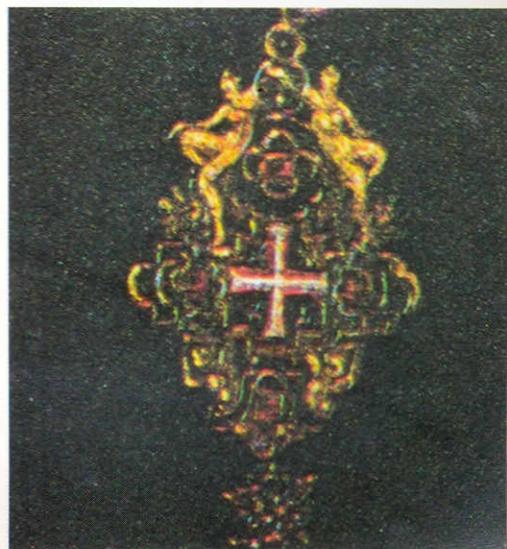
Arquivo do Autor



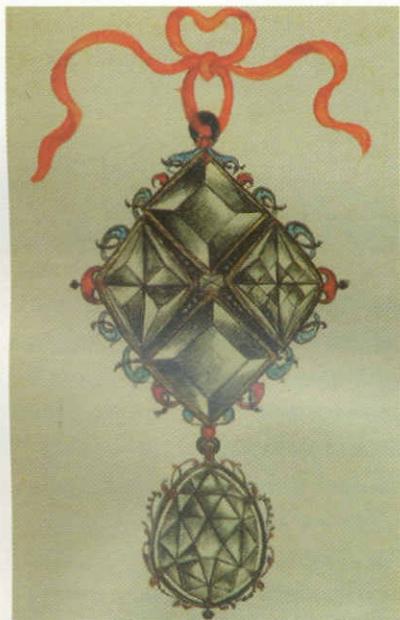
Joana de Habsburgo, por Cristóvão de Morais, 1552



D. Sebastião, por Alonso Coello, K. Museum, Viena



*O diamante permanece na família Astor até 1976, quando é vendido, com negociações secretas, por um milhão de dólares. Mais uma vez o Sancy estabelece um padrão, agora na nova moeda dominante, ao Banco de França e daí passou ao Museu do Louvre, exposto desde 1978*



**Espelho da Grã-Bretanha, esboço de Thomas Cletcher, B.B. Museum, Roterdão**

Espelho da Grã-Bretanha, simbolizando o desejo de agrupar naquela designação os territórios de Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, cada um representado por uma pedra, sob a égide dos Stuart.

Os dois diamantes surgem, em simultâneo, na coroa de Henriqueta Maria, mulher de Carlos I: o Espelho-de-Portugal no aro basal encimado pelo Sancy. Nesse tempo, Inglaterra e Espanha disputavam a ostentação dos símbolos da antiga potência de Portugal.



**Coroa de Henriqueta Maria, esboço de Thomas Cletcher, B.B. Museum, Roterdão**

### **De Inglaterra para os franceses**

Carlos I enfrenta a revolta puritana e a guerra civil em Inglaterra e envia a rainha Henriqueta Maria para a Holanda e França para vender as jóias da coroa e conseguir fundos para pagar armas e tropas, em 1644. Desta forma, os diamantes entram, em 1657, na posse do cardeal Mazarino, primeiro-ministro de Luís XIV, ficando o Sancy designado como o Primeiro Mazarino - o maior diamante da sua colecção, sendo o Espelho-de-Portugal o 3º diamante dessa colecção. Por sua morte, em 1661, o cardeal deixa os diamantes à coroa. A rainha Maria Teresa de Áustria, consorte de Luís XIV, usou o Espelho-de-Portugal no topo do toucado.

O Espelho-de-Portugal, vai permanecer nas jóias da coroa de França até ao final do século XVIII. O jovem Luís XV ostentou-o como pregadeira de pescoço.

Em 1795, na sequência da Revolução Francesa, o Espelho-de-Portugal é vendido na Turquia, juntamente com outras peças, por decisão do Directório para obter financiamentos. Não se conhece o destino posterior deste diamante<sup>7</sup>.

Por outro lado, o Sancy vai formar a pétala superior da flor-de-lis que encima a coroa de Luís XV - o diamante frontal da coroa é o Regente de França, um brilhante/almofada de 150 quilates, entretanto adquirido. Luís XV é coroado em 1722. O Sancy, depois de indiciar o poder da casa de Borgonha, da casa de Aviz, dos Stuart, vem agora coroar o poder da casa de Bourbon. A rainha de França Maria Leczinska, mulher de Luís XV, também usa o diamante, como pendente, no colar - é o tempo da soberania das Luzes. No inventário das jóias da coroa, efectuado em 1791, o Sancy



**Jaime I de Inglaterra, S.M.P. Gallery, Edimburgo**

funcionou como padrão, avaliado em um milhão de libras (francos-ouro); era o terceiro diamante mais valioso de França de acordo com esse inventário, seguindo-se ao Regente (12 milhões) e ao Diamante Azul (3 milhões).

### **Depois dos reis os magnatas**

Em 1789 acontece a Revolução Francesa. Em 1795 o Sancy foi penhorado pelo Directório para obter um empréstimo volumoso, avaliado num milhão de francos, em cavalos e armas, junto do Marquês de Aranda em Espanha. A ele sucede no governo de Espanha Manuel Godoy, antigo guarda do palácio e favorito da rainha Maria Luísa de Parma, casada com Carlos IV de Bourbon. Godoy, feito duque de Alcudia e depois príncipe da paz, pos-



**Coroa de Luís XV, Museu do Louvre, Paris**



Manuel Godoy, P.N. da Ajuda, Lisboa

suiu o diamante; trata-se, presumivelmente, da pedra que forma o corpo central do Tosaõ de Ouro, numa miniatura existente no Palácio da Ajuda. O Sancy é depois vendido, em 1828, a um príncipe russo que o há-de comprar por £35.000 e, por sua vez, o revende,

## PARA SABER MAIS

Ian Balfour - Christie, *Famous Diamonds*, Manson & Woods Ltd, London, 2000.

Bari Hubert e Violaine Sautter, *Diamants*, Societé Adam Biro, Paris, 2001.

Monisha Bharadwaj, *Great Diamonds of India*, India Book House Pvt Ltd, Mumbai, 2002.

Lawrence L Copeland, *Diamonds... Famous, Notable and Unique* Gemological Institute of America, 1974.

Joan Y Dickinson, *The Book of Diamonds*, Dover Publications Inc., New York, 1965.

Rui Guedes, *Joalheria Portuguesa - Portuguese Jewellery* (textos: N. Vassallo e Silva). Bertrand Editora, Lisboa, 1995.

José Rosas Júnior, *Catálogo das Jóias e Pratas da Coroa*, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, 1954.

Leo P Kendall, *Diamonds: Famous and Fatal*, Barricade Books Inc, Fort Lee, 2001.

Bernard Morel, *The French Crown Jewels*, Fonds Mercator, Antwerp, 1988.

J. Veríssimo Serrão, *O reinado de D. António Prior do Crato*, vol. 1:1580-1582 (dissertação de doutoramento). Coimbra, 1956.

em 1865, por \$100.000; em 1867, o diamante está, nominalmente, à venda por um milhão de francos, mas realmente vai parar às mãos de um mercador rico de Bombaim pela quantia de £20.000. *Sir* Jamsetjee ostenta o diamante pendurado no lado direito da capa. O Sancy indicia agora um potente comercial do império Britânico.

O comerciante de Bombaim revende-o, pouco depois, ao Maharaja de Patiala. Durante umas décadas, o Sancy regressa à sua terra de origem, de novo como símbolo do poder masculino. Diz-se que em 1905 é adquirido por um americano depois naturalizado britânico e agraciado com o título de visconde de Astor. O Sancy acompanha a nobilitação dos milionários americanos. A viscondessa de Astor, a primeira mulher a sentar-se na Câmara dos Comuns do parlamento britânico, usa o Sancy como pedra central da sua tiara, desde 1922, em ocasiões de Estado.

O diamante permanece na família Astor até 1976, quando é vendido, com negociações secretas, diz-se, por um milhão de dólares. Mais uma vez o Sancy estabelece um padrão, agora na nova moeda dominante - ao Banco de França e daí passou ao Museu do Louvre, exposto desde 1978. A última etapa corresponde à socialização do Sancy - finalmente está à vista de todos. Nesta sua última viagem, o diamante foi recebido em França com honras de Estado.

As dimensões reais do diamante são de cerca de 26 mm de comprimento por 21 mm de largura e 14 mm de espessura. ■

1 Do termo grego *adamas*: invencível.

2 Ou o Grand Sancy - não confundir com outro diamante chamado o Beau Sancy.

3 Medida correspondente a aproximadamente 0.2 gramas; o termo *carat* deriva do padrão original terem sido as sementes de alfarrobeira - *Ceratonia siliqua*.

4 ANTT, Referências: Arquivo de D. António e descendentes, carta nº 43.

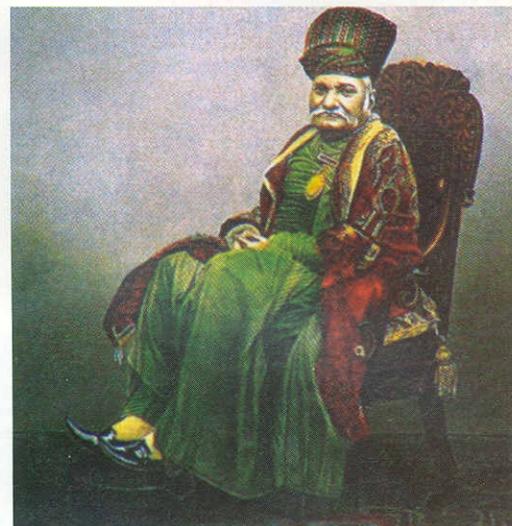
5 Já anteriormente D. António tinha empenhado o diamante junto do conde de Leicester em Inglaterra cerca de 1582, mas conseguiu reavê-lo.

6 Tradução: "um diamante... comprado a Sancy".

7 Existe outro diamante designado Espelho-de-Portugal referido na venda das jóias da coroa de França em 1887 - trata-se no entanto de outra pedra, provavelmente o diamante água-marinha de D. Pedro III (ver *Pública* 453: 47-48)



Maria Leczinska, Carle van Loo, séc XVIII, Versailles



Sir Jamsetjee, final séc. XIX, D J Pound, *Illustrated News of the World*



Lady Astor, foto da Hulton Getty Picture Collection